



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIA MARTA ALBUQUERQUE DO NASCIMENTO

**TÍTULO: O MANUAL DIDÁTICO PROJETO ARARIBÁ HISTÓRIA: UM
ESTUDO SOBRE AS ICONOGRAFIAS DE ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAIS**

**CAMPINA GRANDE - PB
DEZEMBRO/2018**

MARIA MARTA ALBUQUERQUE DO NASCIMENTO

TÍTULO: O MANUAL DIDÁTICO PROJETO ARARIBÁ HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE AS ICONOGRAFIAS DE ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito avaliativo para a obtenção do título de Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais.

ORIENTADORA
Prof^a. Dr^a. Marinalva Vilar de Lima

CAMPINA GRANDE - PB
DEZEMBRO/2018

MARIA MARTA ALBUQUERQUE DO NASCIMENTO

**TÍTULO: O MANUAL DIDÁTICO PROJETO ARARIBÁ HISTÓRIA: UM
ESTUDO SOBRE AS ICONOGRAFIAS DE ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAIS**

Data da defesa e aprovação: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marinalva Vilar de Lima
PPGH / Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Michelly Pereira de Souza Cordão
Examinadora

Prof.^a Ms.^a Talita Rosa Mística Soares de Oliveira
Examinadora

TÍTULO: O MANUAL DIDÁTICO PROJETO ARARIBÁ HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE AS ICONOGRAFIAS DE ABORDAGEM ÉTNICO-RACIAIS

Autora: Maria Marta Albuquerque do Nascimento

Orientadora: Marinalva Vilar de Lima

Resumo: O texto objetiva discutir as imagens utilizadas nos livros didáticos de história, para que possamos refletir sua relevância para o processo de ensino aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental. Trata-se de uma reflexão sobre os contextos de produção e utilização das mesmas e suas implicações para a formação de uma visão crítica dos estudantes de modo a desconstruir uma provável visão eurocêntrica dos mesmos, levando-os a refletir sobre questões étnicas raciais.

Palavras-Chaves: História, Imagens. Livro Didático.

Abstract: The text aims to discuss the images used in the textbooks of history, so that we can reflect their relevance to the process of teaching learning in the final years of elementary school. It is a reflection on the contexts of production and use of the same and their implications for the formation of a critical view of the students in order to deconstruct a probable Eurocentric vision of the same, leading them to reflect on ethnic racial issues.

Keywords: History, Images. Textbook.

1. Introdução

Ao fazermos uma análise das imagens do Manual Didático do Projeto Araribá– História, do 7º ano do ensino fundamental, adotado pela EMEIFM “João Martins dos Santos” do município de São Domingos do Cariri – PB, observamos que as mesmas foram, geralmente, feitas por pintores de origem européia e, também, se referiam a fatos que teriam ocorrido em qualquer um dos continentes. Diante dessa questão observamos que se faz necessário analisarmos e discutirmos com os profissionais que utilizam esse recurso bibliográfico como ferramenta de trabalho, no sentido de refletir sobre a prática no contexto escolar, de modo a que essas imagens não continuem sendo vistas e reproduzidas como naturais por professores e alunos.

A isso se assomam preocupações outras, que estão para além da carga eurocêntrica nos conteúdos, pois, também, observamos que as teorias e as imagens utilizadas são, em sua maioria, produzidas por europeus ou provenientes da Europa.

A nosso ver, a predominância de conteúdos eurocêntricos no manual em evidência pode ocorrer por diversos fatores, como a precariedade de fontes para a escrita da História para além das provenientes da Europa, a iconografia referente ao livro de História dos povos dos demais continentes terem sido produzidas por pintores europeus, além de, praticamente, toda a teoria da História ter sido produzida por teóricos europeus. Entretanto, não podemos desconsiderar tal predominância, para que a mesma não continue sendo naturalizada e reproduzida no contexto escolar. Pois, parece contraditório pensar todo o legado artístico e cultural dos povos de outros continentes serem vistos a partir de produções européias.

Representação étnico-racial no livro didático analisado se dá na tentativa de atender a Lei 11.645/08, entretanto percebemos que as fontes e a forma na qual o livro está organizado ainda prevalece o eurocentismo.

A Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional,

para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

O objetivo dessa lei é fazer com que a escola, enquanto ambiente de socialização de conhecimentos e ideias, promova o conhecimento da cultura afro-brasileira e indígena no sentido de se repensar as ideias preconceituosas e estereotipadas em relação a estes grupos na atualidade.

Para atender lei, as escolas devem introduzir em seus currículos, os conhecimentos, saberes, modos de vida e organização social dos povos afro-brasileiros e indígenas. Promovendo uma educação no sentido de formar cidadãos capazes de se reconhecer a diversidade étnica brasileira sua importância e necessidade de se combater posturas e atitudes preconceituosas.

Daí que, esse trabalho tem como objetivo maior trazer para o debate questões ligadas às imagens presentes no Manual Didático referenciado, especificamente aquelas que se referem à temática étnico-racial. Debate que se fez a partir de três movimentos: localização da visão eurocêntrica que perpassa o livro didático de história; a identificação das temáticas e iconografias étnico-raciais presentes no livro didático e a discussão das fontes iconográficas étnico-raciais dos livros didáticos.

2. A iconografia étnico-racial do livro didático de História

Pesquisadores de diversas áreas têm se preocupado em analisar o livro didático, dada sua importância enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem.

A possibilidade de analisarmos o livro didático de história surge a partir da Terceira Geração dos *Annales*¹, momento em que o conceito de fonte histórica se amplia, passando a ser entendida como uma multiplicidade de consciências e interação, uma pluralidade de sujeitos e de “jogadas”, de “eventos” que só

¹ A **Escola dos Annales** foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. A partir do qual historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa.

podiam ser apreendidos pela “narração”, tal renovação deveria ser centrada a partir de novos problemas, novas abordagens, novos objetos, novos nomes. Dentro dessa ampliação se insere a possibilidade de estudo do livro didático e das práticas de ensino aprendizagem que ganham status de objeto de estudo da história. (REIS, 2000, p. 129, apud. Souza, 2017, p195)

Roger Chartier nos alerta, entretanto, que existem inúmeras maneiras de ler e compreender um texto ou documento e faz-se necessário “reconhecer a pluralidade das leituras possíveis d o mesmo texto, em função das disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores” (CHARTIER, 1996, p. 98).

Pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo. (CHARTIER, 1996, p. 78).

Se o livro por natureza possui inúmeras maneiras de leituras e compreensões, o livro didático de história, dada sua própria pluralidade de conteúdos apresentam-se muito propensos as possibilidades de apreciação.

O público ao qual o livro didático, em estudo, se destina possui também sua especificidade, é geralmente jovem, a partir dos 11 anos de idade, que ainda não tem a capacidade cognitiva de fazer uma leitura crítica por ser pouco experiente na arte de leitura e escrita que não fizeram uma escolha daquele material, mas que lhes é apresentado, na maioria das vezes, como verdade. Sendo assim, caberá ao professor a sua escolha e as reflexões que lhes sejam convenientes a partir de sua formação profissional.

A imagem no livro didático de história, muitas vezes, entendida pelos estudantes como uma representação da realidade passada. Na ausência de

uma análise e debate relacionado à sua fonte, origem, relação com o tema estudado, pode ser falseada e levada a interpretações distintas do objetivo pedagógico ou, até mesmo, compreendida apenas como ilustrativa, portanto sem a importância para a compreensão crítica do assunto.

Sem a devida análise o estudante dos anos finais do ensino fundamental pode não perceber que aquela fonte não apresenta a forma como o povo estudado se vê ou se identifica, mas a visão dos povos europeus que os representam a partir de textos ou de imagens.

Diante da realidade vivenciada em sala de aula, passamos a observar com mais atenção as imagens e sempre antes de iniciar qualquer assunto temos tido a preocupação de analisar o tipo de fonte, a época da produção a origem do(s) seu(s) autor(es), a mensagem que quer nos passar dentre outras características que possam ser percebidas por nós e pelos estudantes. Tendo em vista que se não fizermos tal análise, corremos o risco de levar o estudante a interpretações equivocadas, inclusive imagem que desconstrói a proposta da obra.

O livro analisado aqui é o Projeto Araribá - História, da Editora Moderna, a escolha do livro se deu por ser o livro adotado na EMEIFM “João Martins dos Santos”, no município de São Domingos do Cariri- PB, onde sou professora.

Segundo o censo de 2010, o município de São Domingos do Cariri possui 222,2 km* e uma população de 2420 pessoas, a EMEIFM “João Martins dos Santos” é maior da cidade com 411 alunos matriculados no ano de 2018, do ensino infantil ao ensino médio.

O Projeto Araribá - História foi escolhido enquanto segunda opção através do PNLD, que na indisponibilidade da primeira opção nos foi enviada esse título, que deverá ser utilizado como uma das fontes de pesquisa para o processo de ensino-aprendizagem nos anos de 2017, 2018 e 2019.

A proposta do uso de imagens na coleção é de direcionamento do olhar do aluno para as questões relacionadas ao assunto com o objetivo de desenvolver nele a habilidade de interpretar artes visuais, estimular a sua sensibilidade e provocar o interesse pela leitura.

Ao analisar o livro com maior propriedade percebemos que imagens foram colocadas não têm cumprido esse papel, pois nos textos praticamente

não há referências as mesmas, e quando há, percebem-se podem comprometer, pois a utilização de imagens que feitas por europeus podem levar o leitor a compreender-la sob tal ótica como verdadeira, levando-o a estereotipar pessoas, experiências e indivíduos de forma equivocada, a partir do imaginário europeu.

Para perceber como os estudantes compreendem/interpretam as imagens a seguir, solicitamos que vinte os alunos de 7º ano da escola pesquisada respondessem ao questionário que se encontra em anexo, cujos resultados serão discutidos a partir da análise de cada uma das imagens a seguir.



Ilustração do Códice Florentino, c. 1540-1585. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença. Após entregar seu quarto prisioneiro para o sacrifício, o guerreiro asteca tinha a opção de servir a uma das duas ordens de combatentes do deus Sol: a ordem da águia ou a do jaguar. Essas ordens admitiam tanto pessoas do povo quanto nobres, e seus integrantes se destacavam na sociedade.

A imagem que originalmente está um dos livros do Códice Florentino, criados entre 1540-1585, sob a supervisão do espanhol Bernardino de Sahagùn, sendo atualmente, uma das principais fontes da história do México.

O Códice Florentino é, sem dúvidas, uma importante obra para se conhecer a História do México, dentro de um contexto de obra criada por espanhóis com objetivo de ilustrar os povos da América, segundo sua visão.

No Livro Projeto Araribá, do 7º ano a imagem pode ser encontrada na pagina 142, acompanhada da legenda acima em um tópico referente aos guerreiros astecas, entretanto o texto não faz nenhuma referencia ou analise do mesmo, aparecendo de forma ilustrativa, em um contexto que talvez não tenha nenhuma contribuição a oferecer, mas apenas confundir o aluno de ensino fundamental, levando-o a pensar os povos Astecas como indivíduos com característica semelhantes a animais.

A imagem sem dúvidas apresenta uma visão européia, pois, enquanto pesquisadores da área e historiadores sabem que ameríndios e povos de outros continentes não têm tal visão de sim, mas essa faz parte de um imaginário civilizatório europeu que predomina na Europa na época das navegações.

Ao ser apresentada para os alunos e solicitado um titulo para a mesma, , 60% deles disseram se tratar de uma dança, de uma festa a fantasia ou de um baile de carnaval, apenas 2 mencionaram algo relacionado a luta e a guerra, sendo um “Guerra dos Índios” e outro “Luta contra o Sol”. Um total de 20% associou a imagem a animais.

Portanto, apenas um que representa 5% dos pesquisados associaram a imagem aos povos indígenas, o que nos leva a crer que a imagem em questão não tenha atingido seu objetivo fazer facilitar a compreensão do assunto pelos alunos. Mas, favorecer uma compreensão equivocada, tendo em vista que 15% dos entrevistados associaram a imagem a animais em luta. E tal comparação entre povos ameríndios e animais pode levar os estudantes a pensar esses povos com características semelhantes a animais. Pois nem sempre é de fácil compreensão para crianças conceitos como imaginário, ou separação entre pintura imagem e fotografia, para eles aquele quadro representa o real.

No entanto, em sala de aula do ensino fundamental crianças geralmente de 11 aos, podem não conseguir compreender com facilidade o fato de ser

apenas uma ilustração criada por espanhóis para outra obra feita a partir dos interesses europeus, mas acreditarem que os povos da América tinham de fato essa aparência física, comprometendo a aprendizagem e levando o estudante a ter uma visão estereotipada dos povos do atual México.

No índice da imagem existem algumas informações relacionadas a condição necessária para se tornar um guerreiro, tal informação esta ali apenas de forma descritiva não havendo ao longo nenhuma referencia a mesma ou atividade que a utilize com fonte de informações e que a justifique.

Outra imagem que pode comprometer a compreensão do leitor inexperiente para o qual se dedica a obra é a ilustração do mestre de Boucicaut que representa o imaginário europeu em relação ao Oriente.

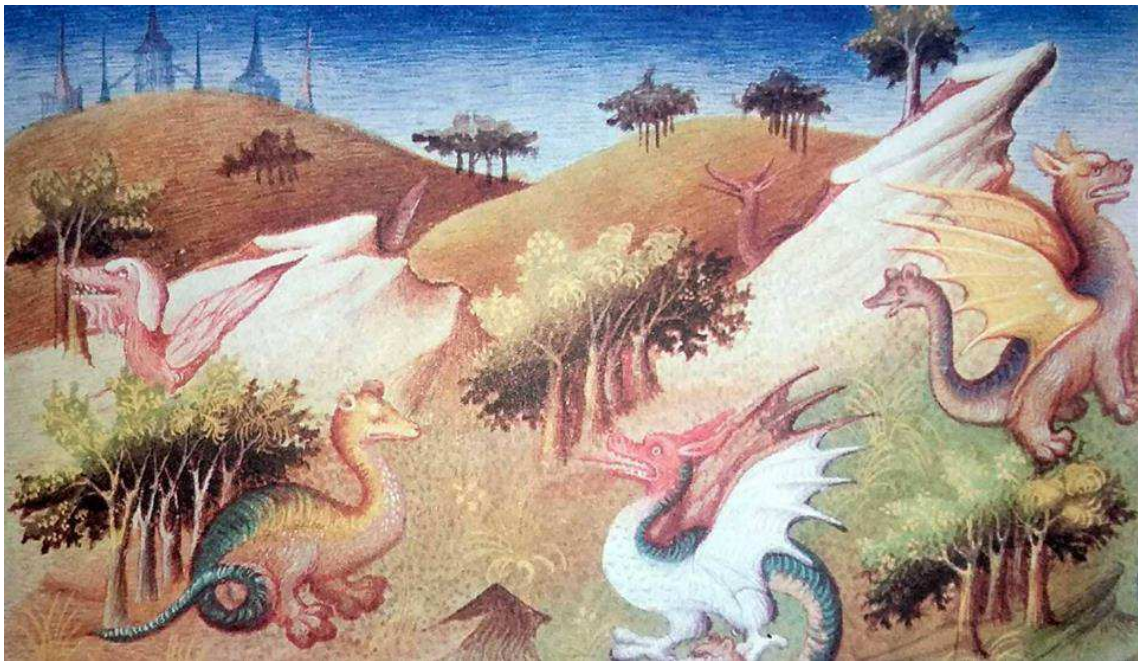


Ilustração do mestre Boucicaut, do século XV, que representa dragões e outros animais monstruosos do Oriente presentes no imaginário europeu da época. Biblioteca Nacional da França, Paris.

A imagem acima, assim com a anterior faz parte do imaginário europeu do século XV apresentado na página 163 do livro analisado, quando se fala dos perigos relacionados às navegações europeias da época, o texto explica as dificuldades e medos em enfrentar os mares e seus perigos, assim como do imaginário dos europeus quanto aos continentes desconhecidos por eles, entretanto a imagem não é referenciada em nenhum momento, podendo levar

a criança a não compreender a ideia de imaginário e pensar os orientais como seres monstruosos, construindo uma ideia negativa com relação aos orientais.

A imagem que corresponde a uma experiência européia anterior a sua chegada aos demais continentes, colocada em um livro destinado a leitores pouco experientes, sem nenhuma análise poderá levar o estudante a conclusões diversas sobre a mesma como veremos a seguir.

Ao serem indagados quanto ao título que dariam imagem 2, 65% dos estudantes criaram um título com referências a dragões, 25% associaram a imagem a montanhas enquanto 10% dos entrevistados relacionaram a imagem a dinossauros. Entretanto nenhum deles fez referências ao oriente ou qualquer situação de perigo que possa ser relacionados com a temática estudada durante a unidade temática.

A imagem a seguir de Jean-Baptiste Debret, pintor Francês que integrou a missão francesa de 1817, foi escolhida para a página 193 da coleção Arraribá 7º ano na temática que trata da escravidão e resistência no Brasil.



Negros ao tronco, aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1826. Museu Castro e Maia, Rio de Janeiro.²

² Apesar de a imagem ter como título "Negros ao tronco" o instrumento de tortura que vemos e o viramundo.

A imagem apresenta os castigos sofridos cotidianamente pelos escravos no Brasil que é, sem dúvidas, um passado que não podemos negar ou deixar de estudar, pois não podemos pensar o Brasil sem a contribuição dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil, no entanto se fazem necessários um diálogo e uma problematização das imagens quando ela se destina a um público que não tem um conhecimento prévio nem maturidade para fazer uma análise crítica, lendo-a como verdade.

Ao contrário das imagens anteriores teremos um dialogo como uma citação de Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire³, quando é perguntado ao aluno se a imagem reforça ou questiona a tese de Gilberto Freire em relação à convivência de senhores e escravos na colônia.

É importante enfatizar que enquanto o sociólogo pernambucano defende que apesar da violência havia uma integração entre casa grande, onde brancos e negros compartilhavam brincadeiras, havia um cotidiano de cooperação e proximidade que permitia um intercambio de cultura. A imagem contradiz a ideia defendida por Freire, mostrando os castigos físicos sofridos pela população escravizada no Brasil.

Não podemos pensar em um cotidiano harmonioso como o defendido por Freire em um espaço marcado pela dominação e o uso de castigos físicos. Ainda mais diante, da imagem proposta para atividade, que representa castigos sofridos pelos africanos escravizados nos Brasil.

Evidentemente, que houve troca de culturas, no entanto esse fato não pode ser apresentado com uma forma de abrandamentos da violência predominante na relação senhor escravos.

Entretanto, ao fazer uma análise detalhada das imagens, percebemos que elas nem sempre cumprem o papel a que se propõem, pois nem sempre elas estão bem contextualizadas com os assuntos e, principalmente, aquelas que se referem a conteúdos da História do Brasil.

³ Casa Grande e Senzala é uma obra escrita por Gilberto Freire publicado em 1933, que visivelmente naturaliza as relações étnicas no Brasil colonial e imperial, defendendo a ideia de que as relações entre os senhores e os escravos era harmoniosa, de modo que não teria tantos conflitos nas relações senhor escravos durante o período de escravidão no Brasil.

A duas primeiras imagens são pinturas por artistas europeus⁴ a partir do imaginário europeu, portanto são imagens feitas pela e para a Europa. As quais podemos caracterizar como uma representação produzida a distancia e por artistas que desconheciam o objeto inspirador de sua arte.

A última imagem analisada negros ao tronco ao contrário das duas primeiras não fazem parte de um imaginário europeu, mas não deixa de ser uma imagem privilegia o modo europeu de pensar a história do Brasil pois, contexto de análise comparativa, entre a imagem e Casa Grande e Senzala, parece abrandar as praticas escravocratas realizadas pelos europeus na América.

⁴ Considero importante esclarecer que para esses trabalhos consideraremos imagens contidas no livro analisado sem, portanto uma análise relacionada a época técnica utilizada dentre outros.

3. Fonte de Pesquisa

APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto Araribá: História 7º ano. 4. Edição. São Paulo: Moderna, 2014.

4. Referências

BITTENCOURT, Circe. O Saber Histórico na Sala de Aula. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 2013

CHARTIER, Roger. A história cultural. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2ª Edição, 2002.

_____ (Org.). Práticas de Leitura. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____ A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

FERRARO, Juliana Ricarte. A produção dos livros didáticos: uma reflexão sobre imagem, texto e autoria. Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 34 - Arquivos e tecnologias digitais.

Disponível em:

<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/973/542>

acessado em 01 de dezembro de 2018.

KOSSOY, Boris. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Negro na Iconografia Brasileira do Século XIX. 2ª. Edição. São Paulo: Edusp, 2002.

Lei 10.639. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acessado em

29/09/2018

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Edivaldo Rafael de. As diversas fases da 'Escola dos Annales': Continuidade ou descontinuidade?". Pato de Minas. UNIPAM. 2017.

Disponível em: <http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/1833572/2060886/19> acessado em 29 de novembro de 2018

5 - Anexos

Questionário

Nome: _____

Escola: _____

Serie: _____

Idade: _____

1 - Que título você daria para as imagens?

Imagem 1

Título: _____



Imagem 2

Título: _____

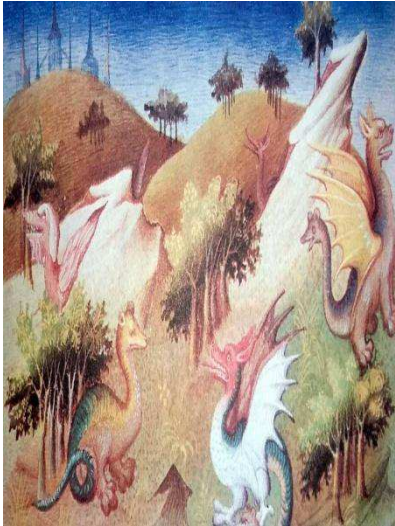


Imagem 3

Titulo: _____



2 - Comente cada uma das imagens:

Imagem 1:

Imagem 2:

Imagem 3:

3 - Associe as imagens a um país/sociedade que você conhece ou ouviu falar

Imagem 1:

Imagem 2:

Imagem 3:

4 - Leia a legenda e diga o que você compreendeu da mesma:

Legenda da Imagem 1:

Legenda da Imagem 2:

Legenda da Imagem 3:

5 - A legenda da imagem é próxima do que você imaginou?

Imagem 1:

Imagem 2:

Imagem 3:
